

CAPÍTULO VII

LOBATO, Monteiro (Obras em domínio público jan. de 2019. Fragmento de *O Saci*. Brasiliense: SP, 1994, p. 28-29. Disponível em <https://sitio.pmvv.pt/wp-content/uploads/2014/06/Monteiro-Lobato-O-Saci.pdf>)

A sacizada

— É aqui, dentro destes gomos, que se geram e crescem meus irmãos de uma perna só — disse o saci. — Quando chegam em idade de correr mundo, furam os gomos e saltam fora. Repare quantos gomos furados. De cada um deles já saiu um saci.

Pedrinho viu que era exato o que ele dizia, mostrou desejos de abrir um gomo para espiar um saczinho novo ainda preso lá dentro.

— Vou satisfazer a sua curiosidade, Pedrinho, mas não posso revelar o segredo de furar os gomos; portanto, vire-se de costas.

O menino virou-se de costas, assim ficando até que o saci dissesse — “Pronto!” Só então desvirou-se e com grande admiração viu aberta num gomo uma perfeita janelinha.

— Posso espiar? — perguntou.

— Espie, mas com um olho só — respondeu o saci. — Se espiar com os dois, o saczinho acorda e joga nos seus olhos a brasa do pitinho.

O menino assim fez. Espiou com um olho só e viu um saczinho do tamanho de um camundongo já de pitinho aceso na boca e carapucinha na cabeça. Estava todo encolhido no fundo do gomo.

— Que galanteza! — exclamou Pedrinho. — Que pena o povo lá de casa não estar aqui para ver esta maravilha!

— Esse saczinho ainda fica aí durante quatro anos. A conta da nossa vida dentro dos gomos são de sete anos. Depois saímos para viver no mundo

setenta e sete anos justos. Alcançando essa idade viramos cogumelos venenosos, ou orelhas-de-pau.

Pedrinho regalou-se de contemplar o saczinho adormecido e ali ficaria horas se o saci não puxasse pela manga. — Chega — disse ele. — Vire-se de costas outra vez, que é tempo de fechar a janelinha. Pedrinho obedeceu, e quando de novo olhou não conseguiu perceber no gomo do taquaruçu o menor sinal da janelinha.

Justamente nesse instante um formidável miado de gato feriu os seus ouvidos.

— É o jaguar! — exclamou o saci. — Trepemos depressa numa árvore, porque ele vem vindo nesta direção. Pedrinho, tomado de pânico, fez gesto de subir na primeira árvore que viu à sua frente, um velho jacarandá coberto de barbas-de-pau.

— Nessa, não! —berrou o saci. — É muito grossa; o jaguar treparia atrás de nós. Temos que escolher uma de casca bem lisa e tronco esguio. Aquele guarantã ali está ótimo — concluiu, apontando para uma árvore bastante alta e magrinha de tronco, que se via à esquerda.

Subiram — e nunca em sua vida Pedrinho subiu tão depressa em uma árvore! Tinha a impressão de que o terrível tigre dos sertões estava atrás dele, já de boca aberta, para o engolir vivo. Mas era ilusão apenas, filha do medo, pois a fera miou outra vez e o saci calculou pelo som que ainda deveria estar a cem metros dali. Pedrinho ajeitou-se como pôde numa forquilha da árvore, lá ficando quietinho ao lado do saci.

Preparou-se para ver uma fera sobre a qual vivia falando, mas sem ter a respeito idéia justa. Ia ver a famosa onça pintada, esse gatão que muito lembra a pantera das matas da Índia.